

## MEMÓRIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO: CONTEXTO PRÁTICO E EDUCATIVO DAS EXPOSIÇÕES DO MUSEU PEDAGÓGICO DA UESB

Tayara Barreto de Souza Celestino (UESB)<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo objetiva promover o debate e a reflexão sobre o tema das memórias mantidas e fixadas em exposições de curta duração no Museu Pedagógico da Universidade Estadual do Sudeste da Bahia (UESB), localizado na cidade de Vitória da Conquista, estado da Bahia, apresentadas no contexto social e educativo de comunicação para a promoção e manutenção da memória, história e cultura local e nacional. Ao mesmo tempo em que as exposições são expostas e consumidas pelo público visitante, se transformam em mais uma ferramenta de educação não formal para a socialização, construção de identidades e para a manutenção cultural da memória e do patrimônio. O marco social das exposições deste ambiente tem sido a provocação para descortinar outras possibilidades de narrativas, mais engajadas, porque chama a atenção da responsabilidade individual sobre o tema urgente do adiamento do fim do mundo para aqueles que visitam seus espaços, atravessando o tempo passado e o passado-presente, para estar no presente e ativar mudanças futuras na história que são construídas diariamente. Não se trata apenas falar do passado ou conservar o passado, mas de uma aliança com as artes para a ativação de diversos tipos de memórias, inclusive subterrâneas e as silenciadas. Pretende-se demonstrar como a iniciativa do Museu Pedagógico da UESB confere desenvolvimento social e inclusivo, o que torna o museu um espaço de interação social, educativa e protetora da memória e das identidades locais através da arte de expor memórias.

**Palavras-chave:** Arte. Democracia. Educação. Memória. Museu Pedagógico da UESB.

### 1. INTRODUÇÃO

Os museus contemporâneos têm assumido um papel que extrapola a guarda de acervos, transformando-se em espaços de educação, crítica social e produção de sentido. Nesse contexto, o Museu Pedagógico da UESB desponta como instituição que articula memória, cultura e formação humanística, ampliando o diálogo entre saberes acadêmicos e saberes populares. A expressão “memórias para adiar o fim do mundo”, difundida por Ailton Krenak (2019), convoca a sociedade a repensar modos de vida que se desvincularam da natureza, da ancestralidade e da coletividade. O museu, ao preservar e expor narrativas diversas, torna-se agente fundamental na manutenção dessas memórias que sustentam modos alternativos de existir.

---

<sup>1</sup>Pós-doutoranda do Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Bolsista pós-doc pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Integrante do Laboratório de Estudos Urbanos e Culturais (Labeurc-CNPq-UFS). E-mail: [tay.celestino@gmail.com](mailto:tay.celestino@gmail.com).

Este artigo busca compreender como o Museu Pedagógico da UESB constrói experiências educativas capazes de articular memória, crítica social e resistência cultural, ancorando-se em referenciais teóricos da educação, museologia e estudos da memória. Ailton Krenak (2019) defende que a preservação de memórias marginalizadas pelos modelos coloniais e capitalistas contribuem com a fundamental tarefa de adiar o “fim do mundo”. Para o autor, essas memórias sustentam formas de viver que respeitam a vida, a natureza e os vínculos comunitários. Em momento anterior, Ecléa Bosi (2003) indicou que a memória é um fenômeno social e afetivo, formada na relação entre indivíduo e sociedade. Nos museus, essas memórias se materializam em objetos, narrativas e experiências que reforçam identidades e pertencimentos.

Outros autores clássicos da memória como Pierre Nora (1993), descreveram os museus como meros “lugares de memória”, isto é, espaços que conservam e dão significado às narrativas culturais de um povo. O Museu Pedagógico da UESB se insere na perspectiva de expansão deste conceito clássico, ao reunir coleções que representam práticas educacionais, culturais e históricas da região. De acordo com Mário Chagas (1999), o conceito de memória deve ser ampliado em museus que buscam rupturas coloniais, ampliando a compreensão da memória ao afirmar que museus são espaços de disputa simbólica e “poética da memória”, capazes de produzir significados e estimular reflexões sociais. Assim como Chagas (1999), Waldisa Rússio (2010) destaca que museus têm papel social, sendo museólogos trabalhadores sociais, defendendo uma museologia que dialogue com a comunidade, promova cidadania e inclua nos museus os saberes diversos.

## 2. O MUSEU PEDAGÓGICO DA UESB COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA E FORMAÇÃO

As exposições do Museu Pedagógico da UESB evidenciam seu compromisso com uma perspectiva educativa ampliada, que integra memória, arte, história e identidade. Esses elementos se articulam à função social do museu, permitindo que os visitantes vivenciem processos formativos que dialogam com sua trajetória cultural. As curadorias priorizam narrativas plurais, incluindo práticas pedagógicas históricas, elementos da cultura regional, memórias afro-brasileiras e indígenas, objetos simbólicos e materiais que representam modos de vida. Isso aproxima o museu das concepções de Chagas (1999) e Rússio (2010), segundo as quais o museu deve servir à sociedade e promover cidadania cultural.

A abordagem crítica do museu conecta-se à pedagogia de Paulo Freire, ao estimular reflexão, diálogo e leitura crítica do mundo. Ademais, a presença de manifestações culturais e saberes tradicionais articula-se com o pensamento de Krenak, que considera a memória como ferramenta para reimaginar o futuro. O Museu Pedagógico da UESB constrói um espaço de educação sensível, histórica e política, no qual o visitante se torna sujeito de conhecimento e transformação social.

No aspecto pedagógico, o museu guarda relações com a perspectiva de Paulo Freire (1996) que concebeu a educação como prática de liberdade. Desse ponto de vista, o Museu Pedagógico da UESB deixa de ser espaço neutro e passa a ser local de diálogo, conscientização e leitura crítica do mundo. As exposições tornam-se dispositivos pedagógicos que estimulam perguntas, debates e reflexões. Neste ambiente, a mediação educativa oferece oportunidades para que visitantes reflitam sobre sua própria formação, sua história e sua inserção na sociedade, assumindo-se como sujeitos históricos.

Influenciador da pedagogia paulofreiriana, o democrata John Dewey (2010) destacou que a arte e a experiência estética são meios essenciais de formação humana. A experiência museológica, por ser sensorial, reflexiva e simbólica, aproxima o público de novas formas de interpretação do mundo. Assim, a visita ao Museu Pedagógico torna-se experiência educativa ampla, unindo emoção, percepção e pensamento crítico. Em contextos mais recentes de decolonialidade, autores como Aníbal Quijano (2000) e Catherine Walsh (2009) destacam que imposições da dominação colonial ainda estruturam práticas culturais e educativas, mas que ao valorizar saberes indígenas, afro-brasileiros e populares, o Museu Pedagógico da UESB busca, neste momento, romper com a lógica dominante e colonizadora para criar espaços de pluriversalidade. As exposições do lugar, ao apresentar memórias invisibilizadas, contribuem para a construção de epistemologias de resistência e para a democratização dos saberes culturais.

### 3. EXPERIÊNCIAS EXPOSITIVAS DO MUSEU PEDAGÓGICO DA UESB

Localizado no centro-sul do estado da Bahia, o Museu Pedagógico da UESB é palco de educação formal e não formal, da educação básica às pesquisas em nível de pós-doutorado, conferindo e convertendo-se em espaço alternativo e inovador para a educação almejada no Sul global. Concebendo a educação de maneira radicalmente integrada e horizontalizada, acolhe desde iniciativas de escolas públicas dos anos iniciais até as pesquisas referendadas por

conselhos nacionais de pesquisas, reposicionando conceitos artificiais que costumam hierarquizar pesquisas.

Avançando nas premissas do ensino, pesquisa e extensão para assumir também a posição de oportunizar e acolher iniciativas variadas de organização de programas de ensino, mantém intercâmbios locais e globais que se renovam em ciclos bianuais com colóquios internacionais contemplando a atuação e comunicação de experiências de ensino para todos os níveis de formação no Brasil. O método garante a interação idealizada pelo educador cubano Fernando González Rey (2003) que compreende a formação de subjetividades humanas na perspectiva comunitária e humanista onde a qualidade não significa a qualidade total empresarial, mas a ideia de qualidade social, em que pesquisadores, estudantes e participantes do ensino não estão separados na equação “sujeito e objeto”, mas atuam em espaço de igualdade de expectativas.

A qualidade social se expressa na qualidade das relações subjetivas que valoriza a autonomia e a construção coletiva. A subjetividade dos agentes educadores considera a possibilidade da epistemologia qualitativa no contexto da psicologia latino-americana valorizando o diálogo horizontalizado indispensável para a produção e circulação do saber. Pretende-se cumprir o objetivo geral de indicar as premissas da pedagogia da epistemologia qualitativa na atuação ocorrida no Museu Pedagógico da UESB a partir de seus ciclos bianuais, enfatizando a integração e a horizontalidade dos saberes com o diálogo e as trocas envolvendo a educação básica até o ensino e a pesquisa referendada por programas de pós-graduação.

O marco social das exposições deste ambiente tem sido a provocação para descortinar outras possibilidades de narrativas, mais engajadas, porque chama a atenção da responsabilidade individual sobre o tema urgente do adiamento do fim do mundo para aqueles que visitam seus espaços, atravessando o tempo passado e o passado-presente, para estar no presente e ativar mudanças futuras na história que são construídas diariamente. Não se trata apenas falar do passado ou conservar o passado, mas uma aliança com as artes para a ativação de diversos tipos de memórias, inclusive subterrâneas e as silenciadas. Pretende-se demonstrar como a iniciativa do Museu Pedagógico da UESB confere desenvolvimento social e inclusivo, o que torna o museu como espaço de interação social, educativa e protetora da memória e das identidades locais através da arte de expor memórias.

Assim, indica-se o alcance das premissas da pedagogia latinoamericana com a epistemologia qualitativa intersubjetiva na atuação ocorrida neste momento no Museu Pedagógico da UESB a partir de seus ciclos bianuais, enfatizando a integração e a

horizontalidade dos saberes com o diálogo e as trocas envolvendo a educação básica até o ensino e a pesquisa referendada por programas de pós-graduação a exemplo da instalação em imagem a seguir:

### Imagem 1 – Instalação artística para “adiar o fim do mundo”



Fonte: Acervo pessoal (2025)

A instalação mantida no espaço no decorrer do biênio 2024-2026 e apresentada por meio da imagem 1 é assinada e concebida por Vinícius Gil – Purki, coordenada com montagem de Edilando Ferraz, com produção de Tamara Cherquer e montagem plural, assinada por Xandy Barros, Abel Teixeira, Renato Souza, Gabriel Alves, Afrânio Barbosa, Alison Ferreira, Rafael Oliveira, Marcelo Vinícios e Douglas dos Santos. Com o tema “humanidade à beira do abismo”, apresenta temas locais e globais que evocam a nossa responsabilidade diante das catástrofes climáticas, dos movimentos que pretendem destruir democracias ou atentar contra a sobrevivência de povos originários nas américas, temas que ressoam na demais sala e ambiente expositivos do museu desde o início do último ciclo de colóquios internacionais do Museu Pedagógico da UESB, ocorrido no ano 2024 na cidade de Vitória da Conquista, no sudoeste do Estado da Bahia, Brasil.

Avançando nas premissas do ensino, pesquisa e extensão para assumir também a posição de oportunizar e acolher iniciativas variadas de organização de programas de ensino, o ambiente mantém intercâmbios locais e globais que se renovam em ciclos bianuais com

Realização:



**II SINELMIC**  
II Simpósio Nacional de Estudos em Línguas, Memórias, Identidades e Culturas  
ANACLETA, PRESENTE!

colóquios internacionais contemplando a atuação e comunicação de experiências de ensino para todos os níveis de formação no Brasil. O método garante a interação idealizada pelo educador cubano Fernando González Rey que compreende a formação de subjetividades humanas na perspectiva comunitária e humanista onde a qualidade não significa a qualidade total empresarial, mas a ideia de qualidade social, em que pesquisadores, estudantes e participantes do ensino não estão separados na equação “sujeito e objeto”, mas atuam em espaço de igualdade de expectativas.

Antecipando o acesso à instalação e com o compromisso na defesa da democracia, o Museu Pedagógico da UESB mantém um corredor da democracia alertando para os riscos da perda de conquistas históricas recentes no Brasil. Quando José Murilo de Carvalho entregou “Democracia no Brasil” (2014), havia passado um ano das chamadas jornadas de junho, quando a esperança por mais democracia animou os primeiros movimentos e ativistas sociais espalhados no Brasil. Com o tempo, as esperanças de aprofundamento da democracia se transformaram em ataques às liberdades e às instituições brasileiras, concretizadas com um impeachment político que destituiu uma presidenta legitimamente eleita pela maioria do voto da população brasileira, para colocar em seu lugar a chamada “ponte” para um futuro incerto, de desregulamentações excessivas, de retirada da ação social do estado e de aprofundamento do modelo neoliberal e de necropolítica (MBEMBE, 2018).

Os anos seguintes, entre os fins de 2019 a meados de 2022, foram marcados por *tânatos* e *hades*, com a pandemia da Covid-19 agravada por um governo que aprofundou o golpe político de 2016 com a ausência de vacinas e com uma sanha selvagem de abertura dos mercados para o lucro sobre mortes, quando a população desprovida de recursos teve que enfrentar as ruas com a doença, enquanto lideranças golpistas em seus ambientes seguros pregaram a abertura do comércio e a ilusão da normalidade. O cenário de destruição se aprofundava junto com as ameaças de conquistas sociais de um país continental como o Brasil, cujos líderes não pensaram a república para o povo (CARVALHO, 2014), até quando posteriormente obteve-se educação e saúde públicas depois da Constituição de 1988. A longa caminhada de uma civilização tropical foi com constante altos e baixos, com duas ditaduras entre fases de experiências democráticas. O relógio do fim dos tempos parecia estar bem próximo do fim com o genocídio ao povo Yanomami, com os movimentos antivax pregando que populações inteiras negassem vacinas, agravando a catástrofe anunciada.

Desde o ciclo de 2024 e até antes de novembro de 2026, o Museu Pedagógico da UESB faz o convite a esta reflexão a todos que o visitam, a humanidade nunca esteve tão a beira do

abismo, o que não se caracteriza como um fatalismo, mas como um alerta para que as próximas gerações tenham o direito de existir. Os atos dos governos entre 2016 e 2022 no Brasil foram de estímulo para o desrespeito aos direitos sociais e posteriormente aos direitos humanos, com a derrota eleitoral dos golpistas em 2022, um ato final foi ensaiado e executado num domingo, 08 de janeiro de 2023, quando a esplanada e o Supremo Tribunal Federal (STF) foram invadidos, depredados, o que poderia ter sido ainda mais absurdo quando seus líderes chegaram a planejar o confronto na posse do presidente Lula no domingo anterior. Com todas as contradições em torno dos limites da democracia brasileira, o fato é que as vitórias recentes do campo democrático e as condenações na esfera judicial dos agentes dos atentados golpistas não garantem que o risco apontado no Museu Pedagógico da UESB em tom de alerta esteja completamente afastado.

A proposta curatorial da instalação integra o movimento institucional do Museu Pedagógico da UESB de ampliar as dimensões do ensino, pesquisa e extensão, assumindo-se como espaço articulador de iniciativas formativas diversas. Seus ciclos bianuais consolidam a circulação de conhecimentos e experiências entre contextos locais e globais, reunindo educadores, pesquisadores e estudantes de distintos níveis de ensino. No percurso de acesso à instalação com o corredor da democracia, a intervenção permanente reforça sua posição política em defesa das instituições democráticas e alerta para o risco de retrocessos sociais no Brasil. Esse compromisso remete às análises de José Murilo de Carvalho (2014), publicadas em um momento em que as Jornadas de Junho ainda reverberavam como promessas de aprofundamento democrático. Entretanto, tal expectativa foi gradualmente subvertida, culminando no processo de impeachment de 2016, que destituiu uma presidenta eleita e instaurou um programa de reformas neoliberais voltado à desregulamentação, ao esvaziamento das políticas sociais e ao avanço de práticas necropolíticas, como problematizado por Mbembe (2018).

Entre o final de 2019 e meados de 2022, o país atravessou um dos períodos mais dramáticos de sua história recente, marcado pela pandemia de Covid-19 e pela condução governamental que agravou a crise sanitária, social e humanitária. A ausência de vacinas, a retórica negacionista e a priorização dos lucros econômicos intensificaram a mortalidade e a vulnerabilidade social, especialmente entre populações mais pobres. Concomitantemente, direitos constitucionais conquistados a partir de 1988 voltaram a sofrer ataques, evidenciando um padrão histórico no qual, como aponta Carvalho (2014), a república brasileira raramente se estruturou para atender às necessidades de seu próprio povo. Episódios como o genocídio do

povo Yanomami e a disseminação de movimentos antivacina reforçaram um cenário de necropolítica ativa. Nesse contexto, o Museu Pedagógico da UESB, desde o ciclo de 2024 até o encerramento previsto para 2026, convida seus visitantes a refletirem criticamente sobre o estado de ameaça que paira sobre a humanidade. A expressão “à beira do abismo” não se apresenta como fatalismo, mas como advertência acerca da necessidade urgente de proteger a vida em todas as suas dimensões, garantindo às futuras gerações o direito de existir com dignidade.

Mesmo após a derrota eleitoral das forças golpistas em 2022, o país assistiu a uma tentativa final de ruptura institucional em 8 de janeiro de 2023, quando edifícios da Esplanada dos Ministérios e do Supremo Tribunal Federal foram invadidos e depredados. O episódio, cujos desdobramentos poderiam ter sido ainda mais graves, insere-se na continuidade de ataques às instituições democráticas. Embora avanços recentes no campo jurídico e político tenham reafirmado a resistência democrática, tais conquistas não eliminam completamente os riscos que o Museu Pedagógico da UESB busca evidenciar. Pelo contrário, reforçam a importância de espaços educativos capazes de promover memória, consciência crítica e compromisso com a preservação das bases democráticas.

Assim, a instalação “humanidade à beira do abismo” configura-se como um dispositivo pedagógico e político que articula arte, memória e formação crítica, reforçando o papel do Museu Pedagógico da UESB como espaço de reflexão sobre os desafios civilizatórios contemporâneos e sobre a necessidade de uma prática educativa comprometida com a vida, a democracia e os direitos humanos.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Museu Pedagógico da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) consolida-se como um espaço multifacetado dedicado à educação formal e não formal, articulando ações que contemplam desde a educação básica até pesquisas de alta complexidade em nível de pós-doutorado. Sua singularidade, construída ao longo de décadas de atuação, reafirma seu papel estratégico na constituição de práticas educativas comprometidas com a transformação social e com a produção de conhecimento situada no Sul global. Ao reunir em um mesmo território físico e simbólico diferentes atores, saberes, linguagens e perspectivas teóricas, o museu estabelece-se como um polo de formação que rompe com modelos

tradicionais de ensino superior e que redefine o lugar das instituições culturais no campo educacional.

Nesse contexto, o Museu Pedagógico da UESB se apresenta como um território intelectual, cultural e político capaz de tensionar concepções hegemônicas que historicamente orientaram a universidade brasileira. Enquanto muitos espaços de ensino permanecem organizados segundo lógicas hierárquicas e compartimentalizadas, o museu adota uma estrutura flexível, interdisciplinar e profundamente marcada pela valorização das experiências de seus sujeitos. Essa característica transforma o espaço em um laboratório vivo de produção e circulação do conhecimento, no qual as fronteiras entre ensinar, aprender, pesquisar e interagir se tornam cada vez mais fluidas. Como consequência, práticas pedagógicas, artísticas, científicas e comunitárias coexistem, dialogam e se reforçam mutuamente, promovendo um ambiente alternativo e inovador.

A proposta institucional parte de uma concepção de educação radicalmente integrada e horizontalizada, na qual diferentes níveis de ensino se entrecruzam em um mesmo espaço de formação. Ao acolher iniciativas que vão das escolas públicas dos anos iniciais às investigações de pós-doutorandos, rompe-se com os padrões tradicionais de segregação entre etapas educativas. Essa ruptura é central para compreender o projeto formativo do Museu Pedagógico da UESB: trata-se de reconhecer que o conhecimento não se organiza por camadas hierárquicas, mas por redes de interdependência, circulação e troca. Assim, saberes produzidos por crianças, estudantes do ensino médio, professores da educação básica, pesquisadores universitários e agentes culturais aparecem como partes igualmente legítimas de um processo coletivo de construção do conhecimento.

Essa abordagem desafia estruturas que frequentemente segmentam, hierarquizam e deslegitimam práticas educativas não acadêmicas, especialmente aquelas vinculadas à comunidade e aos territórios. Ao contrário, o Museu Pedagógico da UESB aposta na potência das epistemologias plurais, valorizando saberes cotidianos, experiências comunitárias e narrativas historicamente invisibilizadas pelas políticas de ciência e tecnologia. Essa integração entre campos distintos contribui para uma ampliação real das possibilidades educativas, permitindo que sujeitos de diferentes idades, contextos sociais e níveis de formação participem ativamente da produção cultural, científica e pedagógica.

Nesse sentido, o museu ultrapassa a função tradicional do tripé universitário do ensino, pesquisa e extensão ao assumir uma posição propositiva na organização, promoção e acolhimento de programas formativos diversificados. Ele se transforma, portanto, em um

operador de políticas educativas e culturais, não apenas em um executor. Essa atuação se expressa de maneira mais contundente por meio de seus ciclos bianuais, que promovem intercâmbios locais e internacionais por meio de colóquios, seminários, exposições e atividades colaborativas. Esses eventos reúnem pesquisadores, professores, estudantes, gestores, artistas, movimentos sociais e demais sujeitos envolvidos com processos educativos em múltiplos territórios, constituindo redes que ultrapassam limites geográficos e disciplinares.

Os colóquios bianuais consolidam-se como momentos de grande efervescência intelectual, nos quais experiências, pesquisas e práticas pedagógicas são compartilhadas. Mais do que congressos, eles funcionam como espaços de convivência, escuta e experimentação coletiva, reforçando o caráter político-pedagógico do lugar. Ao promover um ambiente que articula reflexões acadêmicas com vivências comunitárias, reafirma-se sua compreensão de que o conhecimento é um processo histórico e situado, que deve dialogar com as urgências sociais e com os desafios contemporâneos enfrentados pelas populações latino-americanas.

O método que sustenta essa dinâmica dialoga diretamente com a perspectiva teórica do educador cubano Fernando González Rey (2003), cuja abordagem compreende a formação das subjetividades humanas a partir de bases comunitárias, dialógicas e humanistas. Para González Rey, a educação não pode ser reduzida à lógica instrumental e individualizante que orienta modelos empresariais de gestão da aprendizagem. A crítica à “qualidade total”, associada à eficiência e ao desempenho, coloca-se como central para a construção de práticas que valorizem sujeitos concretos, suas experiências, histórias e modos de significar o mundo. A qualidade, nesse sentido, deve ser entendida como qualidade social, conceito que orienta a atuação do Museu Pedagógico da UESB.

A noção de qualidade social fundamenta-se na construção de relações democráticas, na promoção da autonomia intelectual e na valorização da subjetividade como elemento constitutivo da formação humana. Isso significa reconhecer que pesquisadores, estudantes e participantes dos processos formativos não estão separados pela rígida equação “sujeito e objeto”, mas dividem um mesmo espaço de expectativas, criação e responsabilidade. No Museu Pedagógico da UESB, essa premissa se materializa em práticas pedagógicas que estimulam o diálogo, a corresponsabilidade e a co-produção de saberes, fortalecendo um ambiente de aprendizagem que respeita diferenças e potencializa emergências subjetivas.

Essa concepção aproxima-se da epistemologia qualitativa difundida no âmbito da psicologia latino-americana, que compreende o conhecimento como processo dinâmico, relacional e indissociável das subjetividades que o produzem. Essa epistemologia rejeita

modelos positivistas que buscam neutralidade e isenção, defendendo que todo processo investigativo está imerso em relações humanas, culturais e históricas. Neste ambiente, a perspectiva se concretiza na abertura para diferentes formas de expressão como narrativas, imagens, sons, performances, memórias e no reconhecimento do caráter político da produção do conhecimento.

A qualidade social manifesta-se, portanto, na constituição de relações subjetivas que privilegiam a escuta ativa, o diálogo horizontal e a participação efetiva de todos os envolvidos. Essas práticas reforçam o compromisso com a justiça cognitiva, princípio fundamental para enfrentar desigualdades históricas na produção e difusão do conhecimento. Ao considerar epistemologias diversas como as tradicionais, comunitárias, acadêmicas, artísticas, o Museu Pedagógico da UESB participa de um movimento global de questionamento das hegemonias eurocêntricas e de fortalecimento de perspectivas do Sul.

Nesse sentido, pretende-se, com este artigo, destacar as premissas que orientam a pedagogia da epistemologia qualitativa no âmbito do Museu Pedagógico da UESB, enfatizando o papel articulador dos ciclos bianuais e sua contribuição para a integração horizontal dos saberes. Ao promover ambientes de interação, convivência, criação e intersubjetividade, o ambiente reafirma seu compromisso com uma formação crítica e emancipatória, que permita a sujeitos diversos compreenderem seus contextos e intervirem neles. Esse compromisso pedagógico adquire ainda maior relevância diante dos desafios democráticos enfrentados pelo Brasil nas últimas décadas.

Como espaço formativo, o Museu Pedagógico da UESB ensina diariamente a importância da vigilância ética e política: as ameaças às liberdades individuais, o crescimento do discurso de ódio e a ascensão de forças antidemocráticas permanecem como riscos concretos para a sociedade brasileira. Em suas exposições, ações educativas e reflexões coletivas, o Museu convida seus visitantes a pensar sobre o risco real da aproximação do “relógio do fim dos tempos”, uma metáfora utilizada em seus colóquios de 2024 para denunciar o perigo de retrocessos civilizatórios, especialmente após o ciclo Temer-Bolsonaro e o desmonte de políticas sociais, culturais e educativas.

A visita ao Museu Pedagógico da UESB, portanto, não se restringe a um ato contemplativo: ela se configura como gesto de resistência e de formação cidadã. Estudantes, moradores da região, pesquisadores, crianças, jovens e idosos são convidados a refletir sobre o quanto o destino da humanidade e da democracia está diluído nas mãos de cada pessoa. O Museu surge, assim, como espaço que articula sensibilidade estética, rigor acadêmico e

responsabilidade política. A imersão no tema que orientou os dois colóquios internacionais de 2024 segue reverberando na cidade, na Bahia, no sertão, no Nordeste e em todo o Brasil.

As instalações que compuseram a experiência sensorial desses eventos, luzes frias que remetem à radiação, entulhos que sugerem destruição, sons estrondosos que evocam violência e o caminho estreito que leva a um túnel escuro, são mais do que recursos artísticos: são dispositivos pedagógicos que mobilizam afetos, percepções e reflexões sobre os futuros possíveis para a humanidade. Assim como Sebastião Salgado retrata a elegia com beleza e sofrimento, conforme discutido por Danto (2015), o Museu Pedagógico da UESB convida o público a encarar o fim, não para aceitá-lo, mas para adiá-lo.

A elegia apresentada no Museu Pedagógico da UESB não é um encerramento, mas um alerta. Ao transformar a tragédia em arte, o ambiente reitera seu papel como instituição que pensa o futuro, que provoca deslocamentos cognitivos e emocionais e que reafirma a urgência de construir alternativas coletivas à destruição ambiental, social e política que ameaça o planeta. Assim, a instalação não representa a única solução possível, mas um aviso contundente: ainda há caminhos, e cabe à educação e sobretudo à educação situada no Sul global, participar da construção desses caminhos. Dessa forma, ampliando sua missão histórica, o Museu Pedagógico da UESB reafirma-se como lugar de memória, formação, resistência e reinvenção. Sua trajetória demonstra que é possível produzir conhecimento comprometido com a vida, com a dignidade humana e com o fortalecimento de subjetividades críticas, capazes de enfrentar os desafios contemporâneos e de sonhar com mundos mais justos.

#### 4. REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DANTO, Arthur C. **O Abuso da Beleza**. Tradução de Paulo Sussekind. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

CARVALHO, José Murilo de. **Democracia no Brasil**. Editora: Companhia das Letras, 2014.

CHAGAS, Mário. **Museu, memória e cidadania**. Rio de Janeiro: MinC, 1999.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares de memória**. Projeto História, v. 10, p. 7–28, 1993.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. Revista Internacional de Ciências Sociais, v. 50, n. 1, 2000.

REY, Fernando Luis González. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico cultural. São Paulo: Cengage Learning Brasil, 2003.

RÚSSIO, Waldisa. **Museologia e patrimônio cultural**: textos selecionados. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2010.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade, descolonização do Estado e do conhecimento**. Buenos Aires: CLACSO, 2009.

Realização:



**II SINELMIC**  
II Simposio Nacional de Estudos em Línguas, Memórias, Identidades e Culturas  
ANACLETA, PRESENTE!